

A questão da identidade na escrita acadêmica¹

Danytiele Cristina Fernandes de Paula*

Resumo

No processo de formação acadêmica, os estudantes são confrontados com o dilema de produzir textos marcados, ao mesmo tempo, pela própria identidade e pela voz de outros pesquisadores, sendo, portanto, autorais sem deixar de citar os discursos já ditos. Para discutir esse problema, o presente artigo aborda a questão da identidade na escrita acadêmica, destacando seu caráter dialógico de constituição dentro da esfera social, cultural, histórica e acadêmica. Aborda também a ideia de citação não apenas em termos tecnicistas e estruturais, mas como uma dimensão estética, marcada por relações de poder que constituem a identidade dentro das produções textuais. A proposta é, por meio de revisão bibliográfica, discutir esses conceitos para a compreensão do problema imposto aos alunos e as dificuldades encontradas por eles, problematizando questões ocultas pela abordagem puramente normativa, debatendo a constituição da escrita como dialógica e propondo encaminhamentos futuros para o tratamento da identidade da citação na formação acadêmica dos estudantes.

Palavras-chave: Identidade. Citação. Escrita acadêmica. Dialogismo.

Recebido em:30/04/2017

Aceito em:09/12/2017

1 Artigo desenvolvido no âmbito da disciplina *Tópicos especiais de Análise Linguística: Letramento Acadêmico – ensino e pesquisa* realizada no primeiro semestre de 2016 na UNESP – câmpus de São José do Rio Preto. Destaca-se que a disciplina foi oferecida em parceria com mais três universidades: USP, UNICAMP e PUC-Minas.

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto.

Introdução

Quando iniciam os estudos acadêmicos, os estudantes, muitos saídos diretamente do ensino médio, são confrontados com diferentes gêneros, diferentes exigências de produção e um “novo” universo de obras já existentes, autores reconhecidos e discursos já “consagrados” dentro de uma determinada comunidade científica. A ideia comum é a de que esses alunos, tendo passado por processos seletivos e tido contato com diferentes produções orais e escritas, estão “prontos” para a universidade, estão aptos a produzir conhecimento, escrever diferentes gêneros textuais e dialogar com os discursos já existentes, mostrando sua própria voz, suas próprias ideias de modo original.

No entanto, o que se observa, de modo geral, é a produção de textos acadêmicos que mais reproduzem do que inovam, que privilegiam a réplica de discursos já conhecidos em vez de estabelecer um verdadeiro diálogo de vozes. Tal realidade revela a dificuldade dos estudantes em lidar com os discursos já existentes e construir uma posição de autoria dentro da comunidade acadêmica. Os estudantes são, portanto, confrontados com o impasse de mostrar sua própria voz, sua identidade, ao mesmo tempo em que citam as vozes de outros autores e pesquisadores reconhecidos na comunidade em que pretendem inserir o seu discurso, sua contribuição de pesquisa.

Nesse contexto, a proposta do presente artigo é tratar das noções de identidade e autoria dentro da produção textual, tendo por objeto a citação. Sendo esta uma das formas de trazer a voz do outro para dentro do texto, trata-se da citação enquanto estrutura e enquanto dimensão estética fundamental para a composição da própria identidade dentro do discurso acadêmico. Desse modo, o foco recai sobre o problema da construção acadêmica enfrentado pelos estudantes, com ênfase nos estudos linguísticos. A ideia não é fornecer respostas prontas para esse problema, mas reunir discussões já realizadas por outros autores dentro dos estudos acadêmicos e abrir um debate que possa conduzir a caminhos e soluções possíveis para o tratamento da identidade na composição textual, para uma abordagem menos técnica e mais dialógica da citação, contribuindo para os estudos da área e, especialmente, para a formação de estudantes que encontram, nos primeiros anos da vida acadêmica, a insegurança em produzir textos autorais ao mesmo tempo que permeados por outros discursos.

Para tanto, opta-se por realizar uma revisão bibliográfica a respeito do tema, partindo da base teórico-metodológica dos estudos de letramento acadêmico, com ênfase nos trabalhos dedicados à prática da escrita acadêmica e, em especial, que se dediquem ao debate da construção identitária nessa esfera, bem como do uso das citações como meio de diálogo entre a voz do autor e a voz do outro. Além disso, ao tratar dessa face dialógica, tal como definida por Bakhtin em sua concepção de linguagem e discurso, busca-se mostrar as contribuições de pesquisas já realizadas na área, destacando também como elas podem ser aproveitadas para auxiliar no ensino e nas práticas textuais, revelando as dimensões ocultas na problemática do diálogo entre as diferentes vozes no meio acadêmico.

Hyland (2012), em seu livro *Disciplinary identities: Individuality and community in academic discourse*, discute a constituição da identidade por meio da interação dentro de uma determinada comunidade. Assim, a identidade e também a autoria são concebidas enquanto interação social, são permeadas por outras identidades, outros discursos, são constituídas (e podem ser modificadas) dentro do meio social, histórico, cultural, interacional. Para o autor, não há, portanto, como se conceber a identidade fora da comunidade, fora do corpo social. A partir dessa definição dialógica, discute-se a constituição da autoria em relação aos outros discursos, às outras vozes já consagradas e reconhecidas pela comunidade na qual o aluno está inserido. Trata-se de problematizar a identidade como individualidade em um âmbito acadêmico que privilegia a alteridade em sua constituição.

A presença desses outros discursos dentro das produções acadêmicas é marcada de modo mais explícito por meio de citações à voz do outro. A problemática das citações reside na abordagem estrutural e tecnicista dada a elas nos cursos de formação universitária, como destacam Boch e Grossmann (2015) no capítulo *Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações a proposições didáticas*. A partir da problematização de como são abordadas as citações em manuais e da análise destas em textos dos estudantes, os autores observam que apenas o conhecimento de regras estruturais não faz com que os alunos consigam integrar as diferentes vozes existentes ao seu próprio discurso. É preciso, portanto, que as dimensões ocultas por trás do ato de citar sejam também trabalhadas para além das regras estruturais. Com isso, é possível questionar: o que está em jogo quando se escolhe fazer uma citação? O que o modo de citar pode nos dizer? Quais são as relações de poder que permeiam o ato de citar?

Dentro desse contexto, impõe-se o problema de citar os discursos dos outros

pesquisadores e, ao mesmo tempo, mostrar sua própria identidade no texto, sob pena de não ser considerado, de não ter seu discurso legitimado dentro da comunidade acadêmica. Com base nas pesquisas de Delcambre e Lahanier-Reuter (2015) e no trabalho de Silva e Gomide (2013), pretende-se discutir esse problema, enfatizando algumas dimensões escondidas por trás do ato de citar e que constituem a identidade do autor e a legitimidade do seu discurso, tratando das dificuldades dos estudantes quanto ao posicionamento em relação a esses discursos e à sua própria autoria.

Por fim, com base na bibliografia e nas pesquisas destacadas, espera-se despertar novos caminhos para a discussão da escrita acadêmica dentro da universidade, em especial, na área de estudos linguísticos, enfatizando a importância de uma abordagem dialógica que considere não apenas questões estruturais, mas questões sociais, culturais e ideológicas, além das relações de poder e dos processos ocultos por trás da citação e do interdiscurso das produções dentro da universidade.

Identidade na escrita acadêmica

Discutir a constituição da escrita acadêmica em qualquer dos seus níveis (graduação, pós-graduação, especializações, etc.) implica a consideração necessária das noções de identidade e autoria enquanto partes fundamentais da produção de artigos, trabalhos de conclusão, projetos de pesquisa, etc., além do próprio desenvolvimento do estudante enquanto profissional e pesquisador de determinada área, inserido em um contexto maior da comunidade acadêmica.

A noção primeira e mais básica de identidade, veiculada pelo senso comum e até mesmo dicionarizada, está relacionada a um estado particular, a um conjunto de características que particularizam e, portanto, identificam determinado indivíduo. Dessa forma, a identidade seria dada pelos traços singulares e praticamente imutáveis que constituem cada sujeito. Essa definição primeira focaliza o ser como “resultado” da soma desses traços, mas não nos diz sobre seu processo de constituição. Uma visão mais aprofundada de identidade passa necessariamente pelo processo de constituição desta, por meio do qual o “eu” se forma e se desenvolve dentro de determinado grupo, de determinada cultura, de práticas reguladas socialmente. Portanto, para o presente artigo, interessa que a identidade, ainda que particular, seja tomada em desenvolvimento a partir do

comprometimento do indivíduo em determinada comunidade, compartilhando de sua cultura, seus valores, suas interações, suas relações de poder e, mais especificamente, de seus discursos já consagrados e difundidos.

Nas palavras de Hyland (2012, p. 3), “quem nos apresentamos como ser, é um resultado de como rotineira e repetidamente nos empenhamos em interações com os outros cotidianamente”. Observa-se que a identidade, além de ser a forma como nos apresentamos, está necessariamente relacionada com a interação cotidiana com os outros. Sendo a linguagem a condição primeira para a interação humana, tem-se uma relação estreita e fundamental entre a linguagem e a constituição da identidade. A linguagem, enquanto produto social, cultural, histórico e interacional, é o lugar de constituição do discurso e, portanto, da própria identidade. Como afirmam Silva e Gomide (2013, p. 221), o sujeito se constrói na e pela linguagem, por meio da interação e da participação dentro do corpo social. Assim como a linguagem, o indivíduo é também social, histórico e cultural, constituído nas interações humanas.

As autoras resgatam, então, a concepção dialógica do Círculo de Bakhtin por meio de Volochínov (2004) como constitutiva da linguagem e, desse modo, também como constitutiva do “eu”, da identidade do sujeito marcado pelo conflito ideológico e pela interação social com outros sujeitos e discursos. A linguagem só pode ser pensada em interação, enquanto sistema vivo de comunicação social, logo, o discurso produzido pela interação social também só pode ser pensado enquanto atividade dialógica. De mesmo modo, a identidade vai sendo constituída e definida em relação ao outro, aos outros discursos enunciados em interação, sendo um modo de diferenciação, de como o sujeito se distancia de determinados discursos, mas também um modo de inserção na coletividade, a partir da aproximação e do diálogo com o já dito. Em resumo,

[...] assume-se, aqui, que o sujeito é, a um só tempo, social e singular. Sua identidade é construída, agenciada, negociada. Construída por meio das relações sociais que mantém com o “outro” e com os “outros eus” que o constituem enquanto sujeito. Agenciada discursivamente pelas posições enunciativas assumidas na interação (pelo próprio processo de autorreferenciação). E negociada em função da situação e dos lugares sociais de onde se fala (SILVA; GOMIDE, 2013, p. 222).

Transportando para a esfera acadêmica, a identidade está, portanto, ligada à interação cotidiana com os discursos acadêmicos institucionalizados e apreendidos em sala de aula, em textos, discussões, comparações, cooperações e divergências, nas pesquisas, nos trabalhos em laboratório, nas escolhas linguísticas, nos engajamentos e processos (ocultos ou não) de construção social no discurso, da esfera privada para a pública. Por meio do diálogo que se estabelece entre o “eu” e os novos discursos que vão sendo apreendidos todos os dias, o sujeito constitui sua própria identidade enquanto autor, pesquisador, aluno, em um processo constante.

Hyland (2012, p. 13) destaca que a interação ocorre por meio da linguagem, e a comunidade oferece, então, as estruturas conceituais, os esquemas para que os indivíduos possam interagir, avaliar os desempenhos sociais uns dos outros e engajar-se em seu o discurso. Na esfera acadêmica, assim como nas outras interações sociais, engajar-se no discurso da comunidade à qual o discente pertence proporciona segurança para que o indivíduo signifique e partilhe suas ideias com os outros indivíduos da comunidade, além de legitimar seu próprio discurso. Ao estudante é necessário, então, o diálogo com a comunidade científica, no sentido de apreender novos discursos, refletir criticamente, posicionar-se e produzir seu discurso em interface com estes.

Nesse sentido, ainda nas palavras de Hyland (2012, p. 19), a escrita é um ato de identidade por meio do qual as pessoas se alinham às possibilidades socioculturalmente delineadas, produzindo, reproduzindo ou contestando valores, crenças e interesses, de tal modo que a identidade de um escritor não é individual e nova, mas é constituída pelos discursos que ele adota, pelos discursos da comunidade na qual ele está inserido. A escrita é, portanto, a representação do “eu”, o modo como o indivíduo se retrata para os outros, inscrevendo versões particulares de si, apresentando uma versão da realidade por meio de discursos disponíveis para estabelecer diálogo com o mundo. Dessa forma, escrever é construir o saber, comunicá-lo por meio dos discursos disponíveis, apropriando-se dele e estabelecendo uma relação dialógica com a comunidade e o mundo.

No contexto acadêmico, os indivíduos buscam incorporar seu discurso dentro da comunidade por meio da evocação de discursos já existentes, consagrados, conhecidos e que, por isso mesmo, levam à reflexão, aceitação e compreensão do “novo” discurso, legitimando-o. Dessa forma, a identidade se constitui no diálogo, na construção e também no modo de comunicação do saber desenvolvido, ou seja, nas escolhas: na escolha quanto à linguagem, ao gênero, aos autores a serem citados, à forma de citar, etc.

Neste ponto, é também preciso perpassar a noção de autoria, já que, na esfera acadêmica, além do processo de (re)construção da identidade, o discente passa paralelamente pelo processo de constituição como autor, como produtor de “novos” discursos. Concebido comumente como a origem da produção, o autor é a voz que articula o texto, muitas vezes entendido como a principal e única voz da obra, o detentor da origem. Nas palavras de Barthes em *A morte do autor*, “a explicação da ‘obra’ é sempre procurada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o autor, que nos entregasse a sua confiança” (BARTHES, 1984, p. 50). A problemática destacada é que, por vezes, tanto o sujeito quanto a comunidade têm a ilusão de que o autor é o centro do saber, o criador absoluto do discurso, esquecendo que esse discurso é sempre caracterizado pela retomada do já dito.

Como destaca Barthes (1984), não há um sentido único, não há unicidade do autor, pois o texto é sempre um espaço de dimensões múltiplas, um lugar de acordo e contestação de escrituras variadas, onde nenhuma é original e todos os textos são constituídos a partir de um tecido de citações, de referências, de alusões (por vezes, implícitas e explícitas). Dessa forma, não é o autor que fala, mas a linguagem, já que, quando toma a palavra, o sujeito vai, na verdade, enunciar o que já foi dito anteriormente em outros discursos, ainda que não tenha consciência completa disso, acrescentando a esse já dito sua própria identidade (ela mesma constituída de outras).

Portanto, o indivíduo, como fenômeno socioideológico, constitui sua identidade e é constituído de maneira ideológica, em diálogo com outros discursos, com uma comunidade determinada social, cultural e historicamente. Para se constituir em identidade e autoria, o sujeito precisa considerar as representações dialógicas com o outro e consigo mesmo. Ele deve se tornar outro em relação a si mesmo a fim de inserir seu discurso entre o já dito e a comunidade. Portanto, no meio acadêmico, constituir identidade e autoria implica, necessariamente, inserir-se no espaço discursivo, dialogando com os discursos existentes, consigo mesmo e com a comunidade acadêmica. Um dos meios linguisticamente marcados e legitimados de diálogo com o já dito na escrita é a citação, cujas diferentes formas constituem escolhas que revelam a identidade e autoria de quem escreve, mais do que apenas questões estruturais e técnicas.

Citação – a voz do outro no texto

Sendo a identidade e a autoria constituídas por meio de representações dialógicas da comunidade na qual o indivíduo se insere, todo dito é, consequentemente, produzido em relação ao já dito, como destaca a perspectiva dialógica de Bakhtin. Nas palavras de Barros (1994, p. 3), “concebe-se o dialogismo como o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto”, ou seja, para Bakhtin “nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz”. O texto é definido, portanto, como um tecido de vozes, das quais os autores se apropriam e transformam, respondendo, interagindo e construindo suas identidades sociais em alinhamento ou em dissonância com estes, buscando, assim, a legitimação do seu próprio discurso dentro da comunidade acadêmica.

Nesse contexto dialógico, a citação é uma das modalidades de apropriação do discurso do outro, destacando o caráter polifônico das produções, em especial, na escrita acadêmica. Nas palavras de Boch e Grossmann (2015, p. 284), a citação representa uma dupla tomada de consciência, visto que, “ao exigir do estudante que integre ao seu próprio discurso as ‘vozes do outro’, coloca em evidência, de maneira crucial, a questão do interdiscurso”. Ou seja, dentro da esfera acadêmica, na busca por legitimar seu lugar como pesquisador, o estudante deve dialogar com outros autores, os discursos da comunidade científica devem perpassar seu próprio discurso e se somar a ele com o objetivo de constituir sua identidade, seu lugar de fala, validar seus argumentos e ainda questionar argumentos anteriores.

Como é possível observar, o ato de citar o discurso do outro significa não apenas preencher um requisito estrutural da escrita acadêmica, mas, como definem os autores, significa entrar em jogos de enunciação, tais como:

Jogo de posições: a voz de um autor citado representa uma posição argumentativa em relação à qual o produtor do texto se situa pragmaticamente (acordo *versus* desacordo) [...] Jogo de lugares: a autoridade que funda o discurso citado e o modo pelo qual se efetiva sua legitimação pelo produtor do texto não é dada. Com efeito, citar implica construir essa autoridade, não apenas escolhendo sabiamente os autores a serem citados, mas também aprendendo a integrá-los aos campos nos quais eles se inscrevem e em relação ao sistema de normas ao qual se referem. Jogo de faces: como em qualquer diálogo, colocam-se, inevitavelmente, problemas de

segurança/insegurança, dominação/submissão, relacionados com a discrepância entre a posição de autores iniciantes relativamente aos que lhes apresentam como especialistas (BOCH; GROSSMANN, 2015, p. 284-285).

Ao citar, o autor assume uma posição em relação aos discursos já enunciados, aos argumentos já apresentados: sendo uma posição de acordo, a citação reforça e valida o argumento apresentado pelo autor; sendo de desacordo, o autor assume a existência de posições contrárias às suas e a importância destas dentro da comunidade científica em que pretende se inserir, mas julga que não invalidam o seu argumento. Seja em acordo ou em desacordo, citar as vozes de autoridade legitima o autor do texto, reafirma sua posição junto à comunidade e sua identidade, uma vez que a escolha dos autores a serem citados também são escolhas identitárias permeadas pelos valores sociais, culturais, históricos e dialógicos da comunidade. Uma vez feitas as escolhas, o autor reconhece o sistema de normas do meio acadêmico e o utiliza de modo a adequar seu discurso e assim ser reconhecido. Portanto, assim como na interação face a face, é preciso que o autor tenha conhecimento dos “riscos” de suas escolhas, das dimensões ocultas no ato de citar, nas relações de poder que permeiam o discurso.

Pela simples menção dos jogos que estão por trás das citações já é possível considerar que não se trata apenas de algo estrutural, como regras de referência, estilo, formatação, etc., já que, mais do que isso, a citação envolve questões identitárias, dialógicas e sociais. No entanto, Boch e Grossmann (2015), em seu estudo sobre a citação no discurso acadêmico, notam uma diminuição do valor da citação como fator de produção de sentido. Os jogos de enunciação são processos ocultos na prática acadêmica, e não há uma concepção produtiva da citação por meio de uma reflexão pessoal, autoral e, menos ainda, dialógica. Quando o estudante ingressante tem seus primeiros contatos com as práticas acadêmicas, a ideia disseminada é a de que existem lugares específicos para a citação e que, para utilizá-la, basta ter conhecimento das normas estruturais. Assim, ao longo dos anos de formação, desenvolve-se uma abordagem puramente tecnicista (a citação como pré-requisito para se escrever academicamente) e normativa (deve-se citar de acordo com as normas já estabelecidas, observando a formatação e os lugares em que a citação é permitida no texto), que ignora a dimensão propriamente discursiva da citação – entendendo aqui que o dialogismo é condição necessária do discurso e, portanto, condição necessária para a compreensão da citação para além das técnicas e normas.

Além de observar majoritariamente a questão técnica e normativa da citação, Boch e Grossmann (2015) encontraram também um discurso moralizador a respeito da citação nos manuais. De acordo com as instruções, é preciso citar sob pena de incorrer em plágio, na apropriação indevida do discurso do outro. No entanto, as orientações são dadas a partir do que os autores chamam de “discurso infantil”, moralizador, que não aborda, mais uma vez, as dimensões mais amplas por trás da citação. Para além da honestidade, questão mais óbvia, já que não se deve assumir como suas palavras que não o são, tem-se como fundamental a exposição à crítica que a citação permite. É importante que o estudante saiba que seu texto necessita das referências para que possa ser avaliado pelos integrantes da comunidade científica na qual a produção se insere. Dessa forma, o diálogo é estabelecido: a citação não apenas traz o texto do outro, mas abre a possibilidade de diálogo, de revisão do discurso do outro e de si mesmo, de encaminhamentos futuros a partir de um novo olhar sobre a própria voz e sobre as vozes anteriores. Institui-se então uma troca: o citante e o citado são postos em diálogo perante a comunidade de modo que ambos possam ser apreciados.

De modo geral, então, pode-se dizer que os manuais, e também muitas das práticas acadêmicas nas quais os estudantes são inseridos, privilegiam apenas a norma sem a problematização necessária da citação ou mesmo da identidade de autor, e sem “espaço de manobra”, ou seja, é o ensino e a prática de normas engessadas que negam o caráter dialógico da citação enquanto escolha identitária e interação necessária, o que leva a uma negação das vozes que permeiam o discurso, uma vez que é suficiente citar para se adequar às normas técnicas e acadêmicas. Logo, o risco dessa abordagem, comprovado nos dados apresentados pelos autores, é citar por citar, citar apenas para inserir uma voz consagrada no discurso com o objetivo principal de que este seja reconhecido na comunidade acadêmica, atentando apenas para aspectos estruturais e normativos.¹ Há, portanto, uma falta de fundamento teórico que aborde os jogos e processos ocultos na citação.

Por um lado, a abordagem tecnicista e normativa da citação supõe que a observação atenta e consciente das regras gerais de apresentação é suficiente para que o aluno produza textos acadêmicos. Por outro lado, não se pode partir para uma visão puramente estética, que privilegie o “ornamento” da citação, sob pena de incorrer em problemas semelhantes, visto que supõe um “embelezamento” do texto por meio do uso normativamente correto de citações em lugares predeterminados.

¹ Cf. BOCH; GROSSMANN, 2015.

Na linha entre esses dois extremos, é necessário mostrar ao aluno as implicações das citações e das escolhas que ele faz, para que ele tome para si a seleção das vozes que serão citadas, onde serão inseridas e qual a sua importância para sua própria argumentação, para a legitimação do seu discurso.

É preciso, portanto, que eles estejam atentos às dimensões ocultas da citação. A citação do outro é necessária para mostrar que o autor está inserido em uma determinada comunidade acadêmica. Sem essa citação, o autor pode não ser considerado como um pesquisador sério, por ignorar autores “consagrados” em certo campo de pesquisa. Existem, portanto, relações de poder que legitimam o que “pode ou não” no campo científico, o que “deve ou não” ser citado para validar o discurso acadêmico. Não se deve, portanto, ignorar o dialogismo inerente ao ato de citar, de retomar os discursos anteriores.

Dessa forma, não é possível considerar a citação como um fato singular sob pena de omitir o sistema no qual ela está inserida. A partir da perspectiva linguística, discursiva e dialógica assumida aqui, em consonância com Boch e Grossmann (2015), entende-se que toda citação faz parte de um sistema e está em relação com outras citações e com uma bibliografia legitimada pela comunidade. Nesse sentido, fazer referência ao trabalho de outrem é legitimar seu próprio trabalho dentro da comunidade acadêmica. Mais do que apenas estrutural, é também social e “marca a vontade do escritor de se inscrever em uma continuidade de pensamento, do mesmo modo valorizando na passagem os inúmeros trabalhos já realizados” (BOCH; GROSSMANN, 2015, p. 296-297).

Assumindo que o dialogismo “é característica essencial da linguagem e princípio constitutivo, muitas vezes mascarado, de todo discurso” (BARROS, 1994, p. 1), a constituição da escrita pressupõe, desse modo, dentro do fazer científico, o diálogo com a voz do outro dentro da produção acadêmica. No entanto, tal como é abordada a citação e a questão da identidade/autoria em manuais e até mesmo no meio acadêmico, cria-se um problema: como imprimir identidade e voz própria no texto a partir da citação e da consideração das vozes do outro? Se há a obrigação de citar todo um “cânone científico”, como ser autoral, criar conteúdo em vez de reproduzir?

O problema da produção científica: individualidade x alteridade

Tomando a identidade pela construção dialógica de individualidades dentro de um determinado grupo social, a questão que se impõe ao estudante e também ao professor/pesquisador é a de como tratar a individualidade dentro de um âmbito, como o acadêmico, em que a alteridade é traço constitutivo? Como lidar com o entrelace de vozes dentro do texto sem deixar de constituir a própria identidade em meio a essas vozes? De um modo mais ou menos estruturado como o apresentado aqui, essas são angústias que permeiam as produções dos estudantes em todos os níveis acadêmicos e, de modo especial, os estudantes de Letras e Estudos Linguísticos, tendo em vista que estes tendem a refletir de forma mais aprofundada sobre todas as dimensões da escrita.

A partir da discussão do conceito de identidade, é possível considerar que

o sujeito manifesta-se no jogo de vozes e, principalmente, no agenciamento das posições que assume em seu discurso. E, mesmo que o foco da análise esteja na constituição identitária do sujeito por meio do seu discurso, não se pode desconsiderar que se trata de um sujeito que preexiste e, ao mesmo tempo, se constitui em sua ação de linguagem; um sujeito que possui um corpo, uma história e uma trajetória social e cultural que o determinam tanto quanto o particularizam; um sujeito cujas relações interpessoais são decisivas para suas tomadas de posições identitárias/ideológicas/subjetivas. Seu discurso é, assim, atravessado por múltiplas vozes, mas nem por isso é desprovido de traços de sua individualidade; sua identidade é multifacetada e heterogênea, e, por isso, um processo em contínua (trans)formação (SILVA; GOMIDE, 2013, p. 235).

Ou seja, o sujeito se manifesta por meio de seu discurso em todas as dimensões possíveis, inclusive pelo gerenciamento das vozes que vão integrá-lo, o que significa que a própria escolha dos textos que serão citados já se configura como prática identitária. Além disso, esse mesmo sujeito já possui uma identidade preexistente dada a sua inserção social, histórica, cultural, interacional, em uma comunidade que o constitui. Seu discurso é e sempre será atravessado por vozes. A produção acadêmica de modo a se inserir no jogo entre individualidade e alteridade implica, então, na tomada de consciência dessas vozes e da própria voz dentro das escolhas realizadas.

Ocorre, portanto, que o estudante tem que lidar, constantemente, com dimensões muitas vezes ocultas como as relações de poder que perpassam a legitimação de seu discurso na comunidade científica. Essa necessidade de legitimação, aliada à abordagem tecnicista da citação, pode gerar pesquisas mais feitas de reprodução do que inovação, tendo em vista que, ainda que o estudante tenha consciência da necessidade de ser autoral, a ideia disseminada é a de que as outras vozes devem obrigatoriamente estar presentes no texto de modo sistêmico. Nesse contexto, o estudante se depara com a necessidade de se apoiar no discurso dos grandes mestres para ser reconhecido como um pesquisador “sério” ao mesmo tempo em que expõe suas próprias contribuições de pesquisa.

Em sua pesquisa, Boch e Grossmann (2015) constataram que os alunos têm dificuldades para se posicionarem como sujeitos enunciativos nas produções acadêmicas escritas, especialmente no que diz respeito ao gerenciamento de diferentes vozes dentro do texto. Como destacam os autores, por vezes, não se sabe quem fala, pois as vozes evocadas se confundem com a voz dos estudantes. A dificuldade de identificação no discurso reflete a própria dificuldade dos estudantes em lidar com as produções anteriores, elencar, dialogar com elas, elege aquelas que colaboram para sua argumentação e articular junto com sua própria contribuição. Dessa forma, ao serem confrontados com outros discursos, principalmente de pesquisadores reconhecidos, fica pressuposto que os alunos conseguem tecer relações entre seu próprio dizer e os dizeres de outrem, o que, de fato, não ocorre, dadas as dificuldades em gerenciar essa polifonia dentro da prática textual acadêmica.

Como destacam Delcambre e Lahanier-Reuter (2015, p. 227), outro agravante para o problema da polifonia nas produções acadêmicas é o mito que os estudantes conservam de que a pesquisa científica deve sempre ser objetiva, neutra, e, por isso, a escrita deve se afastar da subjetividade, assim como de debates e discussões. No entanto, “essas representações impedem os estudantes de perceber duas dimensões da pesquisa, a saber: a objetivação da construção dos saberes e sua exposição e o fato de que a pesquisa é um lugar de debates e controvérsias” (DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015, p. 227). Dimensões essas necessárias para a construção da postura de autor, visto que o estudante precisa estar ciente do diálogo que sua produção deve suscitar. Não é possível que se faça ciência sem debate e controvérsia, inserir-se nesse meio significa assumir essa premissa e estar pronto a dialogar com outras vozes, favoráveis ou contrárias. É necessário

que os estudantes saibam que o apagamento enunciativo característico da escrita acadêmica não deve ser confundido com o apagamento do autor como responsável pela articulação com os discursos do outro. Tal confusão gera produções textuais reprodutivas, nas quais não se identifica a voz do autor que constrói seu próprio discurso.

Como é possível observar, há um problema de construção identitária, logo, de posicionamento dos alunos enquanto autores em relação aos demais discursos. Ainda de acordo com as pesquisas desenvolvidas por Delcambre e Lahanier-Reuter (2015), o posicionamento pode ser muito baixo a ponto de não se identificar uma postura crítica em relação aos autores citados, configurando um texto meramente informativo com recortes de autores; ou pode ser alto a ponto de formular críticas e explicações abusivas em relação a autores consagrados de modo a ocasionar julgamentos por parte dos leitores que conhecem a bibliografia citada. Os estudantes, portanto, precisam encontrar o ponto de equilíbrio em que conseguem, ao mesmo tempo, afirmar-se como autores e mostrar seu pertencimento a uma comunidade científica, legitimando seu discurso para que ele seja reconhecido. Esse jogo de vozes demanda que o aluno saiba lidar com a voz do outro e com sua própria voz, apropriando-se dos discursos já ditos para, de modo dialógico, construir seu discurso com posicionamento próprio, evidente desde a escolha das citações.

Há um conflito, então, entre escrever com as próprias palavras, valendo-se das palavras dos outros, mantendo o apagamento enunciativo, mas afirmando-se como autor. A atenção aqui deve ser dada ao visível e ao não visível, ao marcado e não marcado, às dimensões que são aparentes e ocultas dentro do texto e da polifonia enunciativa. O dilema enfrentado pelos alunos está em uma escrita “tomada por uma tensão entre a posição de sujeitos em formação e aquela de pesquisador (objetivo a alcançar)” (DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015, p. 229). Desse modo, as dificuldades dos estudantes na escrita acadêmica são naturais e desafiam o mito de que os eles “chegam prontos” à universidade.

Para tanto, assim como postulam Boch e Grossmann (2015), defende-se que é preciso pensar em quais são as práticas que legitimam o discurso. Discutir essas práticas com os estudantes implica olhar criticamente para a dimensão oculta da citação, como as relações de poder, de importância, de influência que estão por trás do texto, como, por exemplo, a necessidade de citar determinado autor para que a produção seja aceita dentro de determinada comunidade, reafirmando,

assim, a relação de poder e de importância exercida por esse autor. Dessa maneira, não se pode perder de vista também que a citação, além de instaurar a própria identidade do autor, instaura a identidade do trabalho dentro de um determinado contexto. Assim, citar é também situar a pesquisa, seus resultados, indicar a filiação teórica, as motivações para a escrita, seu lugar dentro da comunidade em que se insere. Desvelar essa face oculta contribui para desmistificar o trabalho de escrita e também para instaurar critérios de seleção que cada estudante pode tomar para si no momento de eleger os autores que serão chamados a contribuir na obra.

É preciso, portanto, pensar como a citação atua não só no texto, mas no fazer científico, na constituição da identidade. Os alunos devem se perguntar qual é o lugar da citação, qual a contribuição para fazer repensar teorias, aprofundar conceitos e discussões, reafirmar ou negar determinado postulado. Apenas citar por citar o discurso de autoridades não sustenta a escrita e não legitima o texto. É necessário o exercício dialógico, essência da linguagem, para ser autoral, é necessária a alteridade para a constituição da individualidade.

Considerações finais

Tendo em vista a perspectiva dialógica da identidade (também da linguagem e do discurso), como constituída e negociada na interação por meio de um processo constante entre o indivíduo e a comunidade, sua cultura, crença, estrutura social e suas relações de poder, entre o “eu” e o outro, logo, entre as vozes que compõem os discursos, inclusive acadêmicos, a constituição da autoria é também dialógica e permeada pelas demais produções reconhecidas dentro da comunidade. Assim, toda escrita, especialmente dentro do contexto acadêmico, é permeada por esses discursos e se vale deles para que seja legitimada e reconhecida por sua contribuição (SILVA; GOMIDE, 2013, p. 226-227).

Desse modo, os estudantes precisam citar as vozes reconhecidas para se constituírem como autores e para legitimarem seu próprio discurso. No entanto, ao ingressarem no meio acadêmico, esses alunos se confrontam com o problema da polifonia dentro do texto: como gerenciar tantas vozes e ser autoral ao mesmo tempo? Reforçando essa problemática, a citação, um dos principais recursos para trazer a voz do outro ao texto de forma explícita, é tratada, em manuais e até

mesmo em sala de aula, apenas sob um ponto de vista técnico, estrutural, como se o conhecimento das regras fosse suficiente para citar o discurso de outrem. A abordagem, portanto, ignora as dimensões sociais, dialógicas e discursivas que estão por trás do ato de citar.

Em busca de proposições que possam ajudar os estudantes nesse processo, Boch e Grossmann destacam que “[...] a citação deve ser considerada no quadro mais amplo da polifonia e da intertextualidade, integrando o papel das referências na aquisição de saberes” (2015, p. 289). Assim, para reintegrar a citação nas práticas de escrita, é preciso considerar todas as dimensões envolvidas, sua face estética, produtiva e sua dimensão funcional como legitimadora dos discursos. É preciso que se reconheça e se desvele o diálogo entre o texto do autor e o texto citado como forma de ensinar os estudantes a entrar nesse discurso técnico.

Considerar todas as dimensões da citação significa observar sua importância e os papéis que desempenha na polifonia constitutiva do discurso acadêmico. Nas palavras de Boch e Grossmann (2015, p. 299), a citação

é causa de dinamismo, negativo ou produtivo. Nos casos negativos, ela vem parasitar o discurso que se procura e se constrói. Quando ela é produtiva, ela desempenha um papel não negligenciável de apoio, tanto no plano da *inventio* (de certa forma, uma citação, quando é ela interessante, leva-nos sempre mais longe do que aonde queríamos que ela levasse), quanto no plano da sequência argumentativa.

A ideia é, portanto, partir da distinção visual e estrutural das citações para uma abordagem que seja discursiva. Não basta tratar de regras; é necessário destacar as dimensões ocultas no ato de citar, tais como as relações de poder envolvidas nas escolhas do que deve ou não ser referenciado. Nessa perspectiva, a citação é também identidade, por revelar as escolhas do autor de quem, onde e como citar, fazendo surgir a subjetividade dentro de um discurso tido como puramente objetivo e até anônimo. Como afirmam Silva e Gomide (2013, p. 235), “o gerenciamento de vozes é uma ação discursiva e dialógica por meio da qual se pode apreender o modo como o aluno se constrói em termos de sua formação acadêmica, deixando refletir, assim, um dado posicionamento identitário na cena em questão.”

A título de exemplo prático, destaca-se a pesquisa de Donahue (2015), apresentada no capítulo *Evolução das práticas e dos discursos sobre a escrita na universidade: um estudo de caso*. Trata-se de uma pesquisa coletiva realizada

com vinte alunos durante diferentes disciplinas do primeiro ao quarto ano de suas formações universitárias. Dos resultados apresentados, vale destacar a observação de um crescente domínio dos alunos quanto às citações realizadas nos textos. A autora destaca a maior interação dos estudantes com os textos e escritos de outrem, mostrando que “a gestão de seu pensamento com relação ao pensamento dos outros é percebida nos índices de citações e paráfrases, e nos índices de marcadores de coerência que permitem a integração desse discurso alheio” (DONAHUE, 2015, p. 319).

Dessa forma, observa-se uma maior desenvoltura no posicionamento como autor e também na relação com o discurso de outrem durante a formação acadêmica. Em termos de ensino, essa maior desenvoltura se deve às diferentes práticas textuais às quais os alunos estão expostos e ao reconhecimento da comunidade acadêmica e das relações de poder que estão envolvidas no ato de citar. Ainda que essas questões não sejam tratadas de forma aprofundada, o estudante sabe que seu discurso precisa ser (e, de fato, é) atravessado pela voz do outro para que seja legitimado dentro da comunidade.

Além disso, como questões futuras, as disciplinas acadêmicas não podem ignorar as dimensões escondidas na citação da voz do outro como as funções políticas, sociais e até financeiras dos discursos que são escolhidos para serem citados em determinada produção. Ainda é preciso que se discutam as escolhas das vozes sob perspectiva de constituição identitária do sujeito como autor dentro da comunidade, apresentando, defendendo e preservando sua proposição/tese. Mais especificamente,

no que toca à problemática da identidade, consideradas as reconfigurações conceituais que o termo identidade suscita, as questões que se abrem para abordá-la em relação à de letramento tendem a não perder de vista o caráter dinâmico e fluido de que reveste o construto da identidade, intrincado por processos socio culturais, históricos e subjetivos, constituídos e/ou implicados nas práticas de escrita e de leitura. (SILVA, ASSIS, BARTLETT, 2013, p. 13).

Dentro desse caráter dinâmico, citar, tecer o discurso já existente dentro do seu próprio discurso é, então, uma tentativa de mostrar, por meio do outro, sua palavra, sua própria voz, sua autoria, compreendendo que todo discurso é constituído, assim como a própria identidade e a linguagem, pelo diálogo. Enfatizar o dialogismo presente na comunidade e nas produções escritas implica, necessariamente, um

deslocamento na forma clássica de pensar a escrita a partir de regras técnicas e saberes abstratos, movendo-se para o ensino da escrita a partir das práticas sociais e discursivas que legitimam os discursos.

The problem of identity in academic writing

Abstract

In the process of academic training, students are confronted with the dilemma of producing texts marked by their own identity and the voice of other researchers at the same time. Therefore, they need to show their authorship while quoting the speeches already said. To approach this problem, this paper addresses the issue of identity in academic writing, highlighting the dialogic character of constitution within the social, cultural, historical and academic spheres. It also discusses the idea of quotation not only in technicist and structural terms, but as an aesthetic dimension, marked by power relations that constitutes identity in the textual productions. The proposal is to discuss these concepts for the understanding of the problem imposed on students and the difficulties found by them, discussing the hidden issues for the normative approach, the written constitution as dialogic and proposing future implementations for the treatment of identity and the quotation in the academic education.

Keywords: Identity. Quotation. Academic writing. Dialogism.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: Em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 1-10.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações a proposições didáticas. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (Org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 283-307.

DELCAMBRE, Isabelle; LAHANIER-REUTER, Dominique. Discurso de outrem e letramentos universitários. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (Org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 225-250.

DONAHUE, Christiane. Evolução das práticas e dos discursos sobre a escrita na universidade: um estudo de caso. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (Org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 309-342.

HYLAND, Ken. **Disciplinary identities**: Individuality and community in academic discourse. New York, Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; ASSIS, Juliana Alves; BARTLETT, Lesley. Letramento e identidade: questões em estudo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 9-22, 1. sem. 2013.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; GOMIDE, Renata Oliveira Marques. Posicionamentos identitários em práticas de escrita da esfera acadêmica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 219-240, 1. sem. 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. Original publicado em 1929.